

**OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS LEITURAS EM TORNO DA PEÇA “SIMPLEMENTE EU,”
DE BETH GOULART: SOB A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO**

Juliana Batista dos SANTOS
juliana.batista2011@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Este trabalho traz para a discussão as questões voltadas para a prática da leitura, evidenciando a relação entre sujeito, texto e sentido, considerando outros modos de ler o texto, a partir da contribuição da teoria da Análise de Discurso (AD) francesa. Para tanto, o *corpus* selecionado é constituído a partir de gêneros discursivos publicados em suporte social do jornal Correio da Paraíba, o jornal Folha de São Paulo, e a “Bacante”, uma revista eletrônica da comunicação midiática. Todos em torno da peça de teatro “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, encenada por Beth Goulart. Temos como objetivo identificar os movimentos do sujeito discursivo e a posição-sujeito que assume por se inserir em uma formação discursiva: o discurso que o enunciador constrói para valorizar a arte; o olhar do enunciador em relação à escritora Clarice Lispector; a relação entre a escritora e a atriz no palco. A materialidade discursiva se constitui sob o olhar de cada sujeito a partir da simbiose – a poeta e a atriz – evidenciando cada dizer situado através das relações sociodiscursivas. Nesse sentido, a fundamentação teórica deste trabalho se sustenta nos embasamentos de Brandão (1991), Orlandi (2007, 2008), Fernandes (2007), e Machado (2005) ao tratar dos gêneros discursivos, entre outros. O procedimento metodológico consiste na análise interpretativista, logo de natureza qualitativa, uma vez que trabalhamos com dados de teor subjetivos implicados no dizer discursivos de sujeitos de discurso. Assim, os resultados demonstram uma contribuição para o professor de língua, responsável pela formação de leitores, a trabalhar com a análise discursiva em meio à diversidade de textos que circulam na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sentido. Posição-sujeito.

1. INTRODUÇÃO

A leitura de textos na sociedade e na escola é realizada, quase sempre, a partir de uma leitura e interpretação superficial, tal como, é adotada muitas vezes no método tradicional das aulas de Língua Portuguesa.

Com o desenvolvimento das pesquisas em Linguística e, recentemente, no campo da teoria do discurso, têm-se questionado as orientações do ensino para a formação de leitores, considerando-se, principalmente, a interpretação que se propõe para a leitura de textos. As relações sociais de hoje cada vez mais complexas exigem do leitor outros modos de acesso à leitura dos textos, as estratégias estritamente linguísticas não dão conta da real função da leitura e do lugar do leitor de hoje. No campo teórico do discurso, considera-se essencialmente o lugar do sujeito na produção de sentidos seja na recepção seja na produção, perspectiva que questiona a orientação tradicional que a escola propõe para a leitura dos textos.

Nesse contexto, trazemos como proposta a seguinte problemática: como se constroem as posições de sujeito em textos opinativos acerca da peça “Simplesmente Eu,” de Beth Goulart, considerando as condições de produção dos textos, como a relação sociodiscursiva entre eles, o lugar social onde circulam na sociedade entre as condições que interpelam as posições-sujeitos?

Temos como objetivo geral, fornecer subsídios para a discussão acerca da prática de leitura, evidenciando outros modos de ler que põe em questão o lugar do sujeito nas abordagens sobre o que é ler, tradicionalmente, cultivada, considerando-se a importância desse lugar nos modos de ser sujeito letrado na sociedade atual.

Nesse sentido, os subsídios teóricos, apresentados para o trabalho, fundamentam-se na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, que trabalha a questão das posições-sujeito no discurso, da memória discursiva constituída do saber discursivo e da retomada na forma do pré-construído, ou seja, tudo que já foi dito que está na base do discurso, sustentando a retomada da palavra.

Por se tratar da análise de discurso aplicada a gênero jornalístico, não analisamos a linguagem e o gênero poético de Lispector, pois não pretendemos estudar a peça em si, mas damos ênfase à materialidade discursiva de gêneros opinativos, cujos autores constroem um modo de ver/de ler.

É nesse jogo de relações que a teoria da AD explica como cada enunciado tem o seu lugar e como se estrutura, a partir das estratégias que o engendram, materializados nos enunciados, procuramos compreender o olhar de cada sujeito sobre a simbiose – a poeta e a atriz – que se evidencia no dizer situado e determinado por condições sócio-históricas. Ou seja, de forma específica, analisamos o discurso que o enunciador constrói em relação a uma arte teatral; o olhar do enunciador em relação à escritora Clarice Lispector; a relação entre a escritora e a atriz no palco.

A análise de discurso vem contribuir para a formação do sujeito discursivo, a partir do levantamento de informações explícitas e implícitas aos textos, identificando a formação discursiva em que cada sujeito se inscreve constituído por meio da linguagem e sua representatividade no contexto social. Nele, surgem as questões de caráter ideológico, envolvendo temas universais presentes nos textos escolhidos, por exemplo, o entendimento do amor, a existência de Deus etc. No entanto, não tratamos dessas questões, porque o enfoque consiste na posição-sujeito a partir de textos.

Esta análise se constitui a partir de textos selecionados em suportes sociais: o jornal impresso, e a mídia online, a fim de que sejam analisados de acordo com o entendimento do que vem a ser o sujeito discursivo, e quais suas posições no contexto social. Assim, selecionamos o seguinte *corpus* de análise que chamamos de texto I, II e III respectivamente: “No palco com Clarice”, de Paulo Gadelha; “No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens” de Lucas Neves; e o texto “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, de Maurício Alcântara.

O procedimento metodológico usado, em função dos objetivos e do *corpus* analisado, consiste na análise interpretativa, logo de natureza qualitativa, uma vez que trabalhamos com dados de teor subjetivo implicado no dizer discursivos de sujeitos de

discurso. Assim, pretendemos aplicar as noções da Análise de Discurso (AD) francesa, principalmente no que se refere à constituição do sentido a partir da posição-sujeito no discurso.

Pretendemos ainda, verificar como se constroem a memória discursiva e os aspectos discursivos implícitos na materialidade dos textos, apoiando-se no interdiscurso. Nesse sentido, a fundamentação teórica deste trabalho se sustenta nos embasamentos de Brandão (1991), na contribuição de Orlandi (2005), Mussalim (2006), Fernandes (2007), Dantas (2007), entre outros.

2. SUBSÍDIOS TEÓRICOS

2.1 Linguagem e o discurso

A linguagem para a Análise de Discurso é interação discursiva, e se constitui como produção social dos sentidos. Sob essa perspectiva, a língua na AD não é trabalhada como sistema abstrato, mas se constitui na produção da linguagem pelo homem, conforme sua influência na história. É na linguagem que se instaura o discurso e se constrói a partir do sentido dado às palavras no tempo e no espaço. Assim, o discurso é objeto sócio-histórico, e concebe a linguagem materializada na ideologia que se reflete na língua. De acordo com a citação:

A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI 2007, p.15).

O discurso está sujeito às mudanças, porque os fatores sociais e a história sofrem alterações no campo ideológico, religioso e cultural, uma vez que todos os aspectos em que há presença humana estão sujeitos à constante transformação.

Por isso, o mesmo discurso pode ser analisado sob perspectivas diferentes, e apresentar entendimentos diversos a partir do local ou modo como se pronuncia algo, como se diz, quem diz o quê, em que tempo ou espaço. Assim, tomando como base Brandão (2004), o discurso é também entendido como efeito de sentido que se constrói no processo de interlocução, opondo-se a tradicional concepção de língua como simples transmissão de informação. Ainda segundo o glossário:

O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do que se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos (Orlandi). (BRANDÃO, 2004, p. 106).

O discurso não pode ser compreendido no sentido de estudar a língua(gem) em si, mesmo que necessite dela para construir sua existência material. Ele vai além da linguagem materializada, perpassa a ideia material e ganha uma ideia de curso, “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem [...]” (ORLANDI, 2007, p. 15).

Na exterioridade é que encontramos o(s) sentido(s) do texto, ou seja, a partir dos discursos vigentes da sociedade é que construímos a exterioridade discursiva do objeto. Para assegurar essa ideia, concordamos que a AD:

[...] considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2007, p. 16).

O estudo analítico do discurso considera necessariamente a marca da exterioridade discursiva, para compreendermos os aspectos sociais dos quais se

pretende construir as relações entre os textos/os discursos, e relacionarmos às ideologias predominantes no espaço social.

Diante do que foi explicitado, entendemos que a concepção de discurso se constitui a partir de um caráter polêmico e conflituoso, a respeito das posições sobre o mesmo discurso. Pois, quem anuncia marca a sua posição no discurso, fala de um determinado lugar que lhe garante certo reconhecimento, e poder naquilo que se diz. E, cada dizer tem a sua peculiaridade, porque quem diz não fala da mesma maneira que o outro, ou seja, a posição se diverge formando o espaço de conflito.

2.2 Interdiscurso

As condições de produção do discurso estão fundamentalmente ligadas ao sujeito e à situação em que o discurso é construído. A memória discursiva é uma extensão do discurso que vem a ser o interdiscurso.

Orlandi (2007, p. 31) entende a memória discursiva como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” O termo memória remete a algo que já existe antes, o saber de alguma época que sofreu alterações no decorrer da história, que modificou a sua ideologia, mas não está na superficialidade do texto.

O interdiscurso modifica o que o sujeito significa, ou seja, o que já foi dito sobre o mesmo assunto influencia na formação do sujeito, não há o discurso individual, mas se mantém o discurso descentralizado característica do interdiscurso.

Para estabelecermos a relação entre o discurso e as formações discursivas, a seguir apresentamos uma abordagem sobre elas (FDs) e as formações ideológicas (FI) na AD.

2.3 Formação discursiva e formação ideológica

A formação discursiva (FD) assume uma posição fundamental na relação língua e discurso. A toda FD já existe a ideia de discurso, e, portanto, a sua estrutura se dá a partir desses dois mecanismos: língua e discurso voltados para o contexto social.

Apresentamos a seguinte conceituação de FD:

Refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica (FERNANDES, 2007, p. 64).

A citação se refere ao desencadeamento de FDs no contexto social, que estão sempre submetidas às ideologias vigentes de uma época.

Para falarmos das formações ideológicas (FI), a princípio, enfatizamos o entendimento de sujeito na sociedade capitalista, que dá forma ao sujeito de direito. Desse modo, trata-se do sujeito do capitalismo que é “determinado por condições externas e autônomas (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres” (ORLANDI, 2004, p. 45).

Nesse sentido, a fim de construir a idéia de instância ideológica sob a influência de base econômica, Pêcheux (1975 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 46) afirma, que:

O funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como „determinado em última instância“ pela instância econômica na medida em que ele aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente as relações de produção inerentes a esta base econômica.

A reprodução da instância ideológica leva a uma posição de assujeitamento em que o indivíduo reproduz a ideologia sem ter consciência de que está sendo submetido a ela, ou toma posse como autor para assumir um determinado lugar nas classes ou grupos sociais, que lhe garante reconhecimento e respeito na sociedade.

2.4 Sujeito discursivo

O sujeito discursivo é constituído por diferentes vozes sociais, ou seja, o sujeito não é homogêneo, e se inscreve em diferentes formações discursivas e ideológicas, dependendo delas para formar a sua conceituação.

A concepção discursiva de sujeito não se constitui em um espaço isolado, porque não se trata de um sujeito indivíduo:

[...] o sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido pelo coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. (FERNANDES, 2007, p. 33)

Aqui, o sujeito não se apresenta individualizado, ele é contextual, e, ao mesmo tempo, é fruto da interação das vozes que emanam na sociedade. É o saber discursivo que faz parte da realidade social. O sujeito não se apresenta pronto, mas é resultante de um sistema complexo, que só existe no âmbito discursivo pela relação entre o “eu” e o “outro”, mantendo-se descentralizado. Assim, a identidade do sujeito discursivo não é fixa, sua construção se dá de maneira ininterrupta, um campo aberto às mudanças.

2.5 Posições-sujeito

A enunciação discursiva é marcada por muitas posições do sujeito que surgem nas formações discursivas. As FDs determinam a posição do sujeito afetado pela ideologia, esta interpela o indivíduo em sujeito, submetendo-se à língua, e, ao mesmo

tempo, significando-se através do simbólico na história. Assim, recorreremos às noções de discurso, a fim de relacionar os princípios que norteiam a constituição do sujeito e suas posições discursivas.

Orlandi (2008) diz que o sujeito assume funções “hierarquizadas”, que resultam no apagamento do sujeito, devido às muitas possibilidades de transmutação do sujeito em diversas formas e funções. A partir do momento em que esse sujeito entra em contato com o social, ele deixa de se apresentar como um “eu” que fala, perde sua individualidade, e passa a ser caracterizado por discursos variados.

Nessa perspectiva, Pêcheux enfatiza a questão da forma-sujeito, o sujeito afetado pela ideologia, que pensa ser a fonte do que diz. Nesse sentido, o sujeito de discurso se desenvolve na AD de linha francesa direcionado a uma perspectiva analítica da forma-sujeito, que correspondente ao sujeito do capitalismo. A forma-sujeito imputa autonomia e responsabilidade, e se define como sujeito-jurídico:

Tem direitos e deveres. Particularmente, em sua relação com a linguagem, esse sujeito é capaz de „uma liberdade sem limite e uma submissão sem falhas“ (Haroche, 1984), ele pode criar qualquer coisa, contando que respeite rigorosamente as regras da linguagem. (ORLANDI, 2008, p. 78).

A noção de sujeito-jurídico é de Haroche, e corresponde às novas posições de sujeito afetadas por um sistema econômico que redimensiona o discurso social, porque relaciona o fazer discursivo a posições de classes que, apresentando uma linguagem coerente, determinam os discursos vigentes.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A Posição-Sujeito se constitui a partir do contato com o meio social, em que o sujeito passa a ser tratado através do contexto histórico existente em cada Formação Discursiva (FD). Portanto, o sujeito deixa de ser um “eu” que fala, o que implica na perda de sua individualidade, e, passa a ser tratado como um sujeito histórico, afetado pela ideologia, que se constitui na forma-sujeito segundo a AD.

Texto I – No palco com Clarice

CORREIO DA PARAÍBA Opinião

Paulo Gadelha
pgadelha@trf5.jus.br

No palco com Clarice

Acredito que o leitor e a leitora já perceberam, faz tempo, o meu respeito e a minha admiração pelo legado literário de Clarice Lispector.

A ucraniana, com alma e sensibilidade brasileiras, é, indiscutivelmente, um dos melhores textos da nossa prosa.

Agora, em São Paulo, no Teatro Renaissance, eu vi o monólogo - "Simplesmente eu, Clarice Lispector" - com direção e interpretação de Beth Goulart, cada vez mais brilhante no palco.

A peça é, sem dúvida, a leitura cênica de obras escritas por Clarice Lispector, fragmentos de suas produções literárias como "Perto do coração selvagem", "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres", bem como os inesquecíveis contos "Amor" e "Perdoando Deus".

Na apresentação do texto, Beth Goulart observa, com muita propriedade, citando o crítico literário Harold Bloom, que não existe literatura, só autobiografia.

Por isso, a intérprete acentua que "o espetáculo



“
O QUE EU SINTO EU NÃO AJO.
O QUE AJO NÃO PENSO.
O QUE PENSO NÃO SINTO.
DO QUE SEI SOU IGNORANTE.
DO QUE SINTO NÃO IGNORO.
NÃO ME ENTENDO
E AJO COMO SE
ME ENTENDESSE”

mostra a trajetória dessa mulher em direção ao entendimento do amor".

De fato, o universo literário de Clarice Lispector é sofrida, angustiante, porém verdadeira viagem ao mundo das emoções.

Ela busca, com engenho e arte, investigar o porquê das inquietações interiores.

Faz, assim, da arte de escrever, uma espécie de psicologia da cultura.

Dai, pois, o discurso da cena, como uma saída para o dilema da vida.

No teatro, o público lê Clarice Lispector, no desempenho magistral de Beth Goulart.

Com certeza, aqui, a arte não imita a vida. Aqui, a vida é uma arte.

Como pensava Clarice Lispector.

Aliás, insista-se, na encenação, Clarice Lispector ensina como buscar alternativas para a vida.

Como ela doutrinou nos seus livros.

Paulo Gadelha é desembargador do TRF da 5ª Região

Fonte: Correio da Paraíba, ano LVII, n. 067, 10 de outubro de 2010.

O texto I é um artigo jornalístico que se encontra na coluna de opinião do jornal Correio da Paraíba. A expressão "Opinião" no recanto superior à direita no texto, já introduz a ideia de que os textos ali publicados são artigos de opinião.

Conforme percebemos no texto, o enunciador é desembargador do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, ou seja, esta é a posição discursiva que ele ocupa de acordo com a sua formação acadêmica, que consiste no discurso jurídico. No entanto, aqui o enunciador não fala do aparelho ideológico jurídico, mas apropria-se de uma cultura da arte teatral, para falar de um lugar social dado, a coluna do jornal. Tal lugar se constitui ponto de partida para a materialidade do discurso, de que o artigo trata, e do qual o público/leitor tem contato através do jornal.

Assim, considerando as marcas discursivas no texto, notamos que o enunciador, de início, assume duas posições que se conjugam: como crítico da arte literária (dramaturgia), assim se coloca o enunciador, há uma leitura do trabalho de Beth Goulart; e, ao mesmo tempo, o enunciador é crítico e admirador da escritora Clarice Lispector. Esta passagem do texto comprova tais posições-sujeito: “o leitor e a leitora já perceberam, faz tempo, meu respeito e a minha admiração pelo legado literário de Clarice Lispector”. Ou seja, já faz tempo que o enunciador se constitui leitor da escritora, tal característica é determinante para a construção do sujeito discursivo.

Além disso, na expressão “legado literário de Clarice Lispector” está implícita uma informação de que a escritora se constitui uma mulher intelectual da arte literária, pioneira na sua época com seu impulso criador, traz uma visão intimista de mundo, representando ao mesmo tempo, uma cultura letrada, da qual o enunciador se apropria com o intuito de partilhar do conhecimento adquirido, revelando o seu olhar sobre a peça.

Logo, o contexto histórico se insere numa formação discursiva (ou em mais de uma): o discurso que o enunciador constrói para valorizar a arte; o olhar do enunciador em relação à escritora Clarice Lispector; a relação entre a escritora e a atriz no palco. Com efeito, a posição que o enunciador assume é considerável, devido às leituras de obras que ele (o enunciador) já conhece antes de ter assistido à peça, esta informação é constituída graças ao pré-construído.

Desde o título, a posição-sujeito chama atenção do leitor para aproximar-se da escritora: “No palco com Clarice”. Afinal, a intérprete incorpora a pessoa da escritora, criando uma mimese dela. No artigo, a(s) posição(ões) do sujeito gera(m) uma espécie de diálogo com o título, para fazer jus da apresentação da peça. Desse modo, o enunciador dialoga com o título sob prisma diferente: na posição de crítico dramaturgo, como espectador da peça, nas posições de admirador e de leitor da escritora.

A passagem a seguir dá margem à outra ideia de aproximação para com o público/leitor, por exemplo: “Clarice Lispector ensina como buscar alternativas para a

vida. Como ela doutrinou nos seus livros”. Aqui, identificamos um não-dito, a ideia de que o enunciador convida o público/leitor a ler as obras da escritora “como uma saída para o dilema da vida”.

Diante de tais interpretações, percebemos que há neste artigo uma formação discursiva dominante, pois existe uma posição de sujeito dominante que se instaura na construção do sujeito histórico. Ou seja, a FD consiste no discurso do enunciador em relação à escritora e à peça através de contextos diversificados, e a posição-sujeito é constituída positivamente no lugar social (mais de um) do qual se constitui o sujeito no discurso.

Texto II – No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens

“LUCAS NEVES - Folha de S.Paulo

Clarice Lispector (1920-1977) dizia que "escrever não é inventar, mas correr o risco de encontrar a realidade". Limitando-se a trocar o primeiro verbo por "atuar", Beth Goulart, 48, segue o conselho de forma exemplar no monólogo "Simplesmente Eu - Clarice Lispector", em cartaz no Rio.

Em uma hora, a atriz apresenta uma tradução cênica para o que, aos olhos da escritora, é o real: aqueles instantes de suspensão em que, na surdina e sob um disfarce prosaico (animal, planta ou um cego mascando chiclete), abrindo fendas na modorra da rotina, a vida irrompe _monumental, desconhecida, temerária e onírica.

Entre o fascínio e a repulsa suscitados pelas epifanias, no limiar do estado de graça e do horror trazidos pela descoberta do mundo, quatro personagens sacadas de contos, crônicas e romances da autora se equilibram, em cena, com a figura da escritora ela mesma. As falas desta são pinçadas de entrevistas, depoimentos e cartas da Clarice real, que dão pistas sobre seu sentimento de culpa pela morte da mãe, a relação com Deus, a personalidade reservada e a devoção às letras.

Lenise Pinheiro/Folha Imagem/Reprodução



A atriz Beth Goulart, em "Simplesmente Eu – Clarice Lispector", e a escritora, em foto de meados da década 1960

"Escolhi personagens que, de certa maneira, têm relação com algumas fases da vida da Clarice", diz Beth, também autora e diretora do espetáculo, que assim justifica as escalasções: "A Joana [de 'Perto do Coração Selvagem'] representa o impulso criativo, até um pouco adolescente. A Ana [do conto 'Amor'], dona-de-casa dedicada aos filhos e ao marido, lembra o momento 'família' dela, casada com o [diplomata] Maury Gurgel Valente e mãe de Pedro e Paulo. A Lóri [de 'Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres'] incorpora a importância do amor, do encontro amoroso. E a mulher anônima [da crônica 'Perdoando Deus'] ecoa um pouco o lado racional e bem humorado da Clarice, sua sagacidade."

Segundo a atriz, o ir-e-vir da montagem entre criadora e criaturas busca explicitar a forma como "a personalidade de Clarice" contamina sua obra: "O interessante é que sua escrita traz a voz do personagem, a dela como autora e ainda uma terceira, de interpretação, reflexão crítica sobre o que está sendo dito. Desse jeito, consegue tratar bem do mistério feminino, dessa qualidade de sermos quatro por mês, de sermos muitas numa só".

A criação do espetáculo consumiu dois anos de pesquisa e mais seis meses de preparação de corpo e voz.

Conhecida pelo rigor que emprega na composição gestual de personagens, Beth encarna aqui uma Clarice de erres salientes (cortesia da língua presa, não da origem ucraniana, como acreditam alguns), olhares fugidios e que roça polegar e anelar enquanto fuma.

A precisão não a impede de transcender a mimese, ir além do virtuosismo da "incorporação mediúnica" pura e simples. No palco, Beth é Clarice, suas personagens e um pouco ela própria. A escritora afirmava se sentir pobre por "só ter corpo e alma" e

precisar "de muito mais". Corpo e alma bastam para fazer a fortuna de Beth neste "Simplesmente Eu", que deve chegar a São Paulo em 2010."

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u626136.shtml>. Acesso em 09.08.2011.

Consideramos as marcas de gênero discursivo para dizer que o texto II, "No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens," é um artigo jornalístico que revela o olhar de Lucas Neves (editor assistente da ilustrada)¹ em relação ao trabalho da atriz Beth Goulart. Nesse sentido, a posição-sujeito se constitui a partir desse olhar, do enunciador que se constitui espectador da peça "Simplesmente eu", na forma de construção de sentido que se instaura no discurso. Aqui, o enunciador fala de um suporte social da comunicação mediada, o site do jornal Folha de S. Paulo, que se constitui no espaço de trabalho deste enunciador.

A posição-sujeito é construída a partir do desempenho da atriz Beth Goulart, que assume a pessoa de Lispector e suas personagens, tal como diz o título. Demonstrando, assim, que além de atriz de novela, Beth Goulart trabalha no palco de teatro encenando personagens da ficção literária.

A princípio, notamos os seguintes discursos: o de destacar o trabalho da atriz configurando algumas passagens da peça, por exemplo, o discurso de uma mulher, falando de outra mulher ou de outras mulheres que, inevitavelmente, funde-se numa só, a fim de expressar uma arte universal, direcionada a quaisquer classes social ou identidades de gêneros.

O enunciador apropria-se da subjetividade quando diz "Segundo a atriz," para construir na materialidade do texto, a posição da atriz em relação à montagem da peça, e como se estruturam as vozes durante a apresentação, ora a voz dos personagens, ora a voz da escritora, ora uma terceira voz reflexiva. Apesar de ser um monólogo, há três vozes que atuam sob uma mesma voz, as citadas acima e a da intérprete, que dá vida à escritora e aos personagens de suas obras. Assim, diz a atriz,

¹ Página online da Folha de S. Paulo em que o jornalista escreve para o público/internauta.

que é autora e diretora do espetáculo: ““Escolhi personagens que, de certa maneira, têm relação com algumas fases da vida da Clarice””. Essas escalações de personagens se constituem na diversidade de vozes: a de Joana, do romance *Perto do Coração Selvagem*, que representa o impulso criativo; a de Ana, do conto “Amor”, a dona-de-casa, que recorda a escritora dedicada aos filhos e ao marido; a voz de Lóri, de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*; e uma voz da mulher anônima expressa na crônica “Perdoando Deus”, que remete ao lado racional e ao bom humor da escritora.

A posição-sujeito, portanto, é constituída com elogios à atriz nos seguintes termos: “Conhecida pelo rigor que emprega na composição gestual de personagens”; “transcende a mimese”; “ir além do virtuosismo da incorporação pura e simples”, são marcas do discurso que evidenciam o desempenho e o talento da atriz, segundo o dizer de quem diz, ou seja, do enunciador. Em outro prisma que se refere ao discurso da escritora, na informação de que a escritora se sentia pobre por “só ter corpo e alma,” e precisar “de muito mais,” está implícito um discurso que insinua a ideia de que corpo e alma não são suficientes para atender às necessidades da pessoa humana. Pois, comparando-se com o discurso da atriz, vemos uma construção de sentido oposta à da escritora: “Corpo e alma bastam para fazer a fortuna de Goulart neste „Simplesmente eu””, diz o enunciador. Assim, o enfoque construído pelo sujeito discursivo recai no trabalho da intérprete mais do que no trabalho da escritora.

Texto III – Simplesmente eu, Clarice Lispector

“Essa crítica faz parte do registro do XVII Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga.

Antes da programação do festival ser iniciada, conversávamos durante o almoço no mosteiro de Guaramiranga sobre provincianismos que se manifestam nas mais diversas ocasiões, por todo o país, sempre estabelecendo relações de superioridade e admiração análogas àquelas que se dão entre colônia e metrópole (mudando sempre, caso a caso, quem é quem nessas relações). Lembrei-me

imediatamente desse diálogo ao acompanhar uma orientação da produção aos policiais que estariam de plantão ao longo do evento, dizendo pra ficarem atentos “principalmente no espetáculo de estreia, com a Beth Goulart, que é uma atriz bem conhecida”. Ao final do espetáculo, a conversa vespertina é retomada por minha memória ao ver a atriz agradecendo “pela presença, pelo carinho, pelo silêncio quando possível (sic)” e dizendo “que bom que vocês têm um festival e um teatro, isso é maravilhoso, venham mais a ele, ele é de vocês”.

Entre uma conversa ouvida sem querer e os agradecimentos da atriz, houve a primeira apresentação do espetáculo (foram duas naquela noite). Em cena, a atriz dá vida a personagens, correspondências e a biografia de Clarice Lispector – ora incorporando uma caricatura da escritora, com um sotaque difícil de engolir, ora mesclando-a com seus personagens, ora assumindo uma ponto de vista da atriz para quem foi Clarice.

No entanto, ainda que seja perceptível a intenção de pluralizar os pontos de vista, somente um é realmente exposto no palco: o da atriz, que enfeita tudo o que é dito com um show de técnica (na interpretação, na cenografia, na luz, no figurino). Talvez não por coincidência, também não há pluralidade de vozes na construção do espetáculo – além de atuar no solo, Beth também o dirige e assina a dramaturgia – a partir de sua relação íntima e pessoal com a obra da escritora.

No entanto, todos os elementos vistos em cena – o que inclui o cenário, figurinos, luzes, adereços (tudo minimalista, beginho, chique) -, menos do que remeter ao universo de Clarice, parecia remeter ao universo de Beth Goulart pensando em Clarice, usando a personagem para construir uma imagem de diva que, não cabendo à Clarice representada, recai sobre a atriz mesmo que, ativa, faz uso de todos os elementos cênicos possíveis mais para marcar mudanças e transições (talvez pra não dar aquele soninho no público) do que para construir signos e conceitos que dêem conta de falar de Clarice como forma de complementação do texto dito. Assim, poderia ser qualquer outra escritora ali representada por aquela forma e por aquele registro (Clarice, Rachel de Queiroz, Simone de Beauvoir, Ana Maria Braga) – mas só conseguia ver Beth Goulart.

O espetáculo foi assistido no dia 4 de setembro de 2010, às 19h, no Teatro Rachel de Queiroz, Guaramiranga-CE, como parte do XVII Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga, com entrada gratuita por meio da credencial de imprensa do festival.”

Fonte: <http://www.bacante.com.br/critica/simplesmente-eu-clarice-lispector-2/>.

Acesso em 22.08.2011.

O sujeito discursivo é constituído no texto III, “Simplesmente eu”, a partir do olhar crítico do enunciador (Maurício Alcântara), a respeito da peça cujo título é o mesmo do texto. Considerando as condições do discurso, de quem diz o quê, em qual lugar social, o site que constitui a “Bacante” é uma revista eletrônica da comunicação mediada. A escolha deste nome remete às peças teatrais de origem grega, as Bacantes de Eurípedes, por isso, a revista publica exclusivamente resenhas e comentários relacionados às peças teatrais que circulam no Brasil, e algumas apresentadas no exterior, por exemplo, em Portugal.

Notamos a construção do discurso crítico expresso na materialidade textual, que representa um ponto de vista sobre a apresentação da atriz Beth Goulart. Assim, a partir desse ponto de vista de um enunciador que assume uma posição de quem faz um “juízo” da apresentação da atriz, compreendemos que o texto acima é um artigo jornalístico que revela movimentos de subjetividade, por meio da crítica valorizando ou crítica não valorizando.

Segundo as informações obtidas por meio eletrônico, o sujeito/autor afirma que: “Na Bacante, atuo como editor (atividade que é desenvolvida em formato colaborativo) e como crítico e fotógrafo [...]. Minha formação acadêmica é em Comunicação Social com extensão em Comunicação e Pós-Modernidade, e atualmente estou cursando Ciências Sociais”². Ou seja, o enunciador assume uma posição social que já faz parte de sua formação acadêmica, a de jornalista. De acordo com o contexto social, este fala para um público/internauta, que é constituído por todos os que acessam a revista, a fim de publicar resenhas sobre apresentações de peças (de acordo com as exigências da revista), e, para fazer comentários no blog da revista.

A peça “Simplesmente eu” é apresentada em Guaramiranga (CE), por ocasião do XVII – Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga. Nesse contexto, o enunciador registra a peça, e publica o texto no espaço interativo. A partir desta posição de observador, são construídas as demais posições do sujeito discursivo, por

² Informações cedidas por Maurício Alcântara.

exemplo, a posição de espectador e de crítico, que se instaura numa formação discursiva crítica de quem (enunciador) conhece o trabalho de teatro.

Desse modo, a posição-sujeito é constituída, principalmente, através da posição do discurso crítico baseado nos seguintes diálogos que se interpelam respectivamente: o discurso das personagens de obras, o discurso da escritora por meio dos seus inscritos (correspondências e biografia), e o discurso da atriz que se apropria do dizer do outro/da escritora. Assim, a atriz se coloca na ordem do seu próprio dizer, para construir uma imagem de diva que, segundo o enunciador, recai sobre a atriz, comprovada nesta passagem: “menos do que remeter ao universo de Clarice, parecia remeter ao universo de Beth Goulart pensando em Clarice, usando a personagem para construir uma imagem de diva que, não cabendo à Clarice representada, recai sobre a atriz mesmo”. Portanto, tecendo a crítica por diversas posições ideológicas, tais como, a apropriação de obras da escritora C. Lispector; a representação e interpretação da arte teatral; o assujeitamento do discurso alheio para criar uma imagem de diva. Nesse sentido, o “tecido” crítico é identificado desde então: “Em cena, a atriz dá vida a personagens, correspondências e a biografia de Clarice Lispector – ora incorporando uma caricatura da escritora, com um sotaque difícil de engolir, ora mesclando com seus personagens, ora assumindo um ponto de vista da atriz para quem foi Clarice”.

Estas passagens são antecedidas por um argumentador de oposição, “no entanto”, para entronizar uma mudança de sentido a partir do elemento discursivo que o interpela, a intérprete entra em evidência mais do que a escritora. Significa que, o sujeito discursivo diz que a atriz não obteve um bom desempenho, quando tenta imitar a voz da escritora, assim, não convenceu o enunciador/crítico de que a apresentação da atriz na abordagem desse universo clariciano, não corresponde à fidelidade dos fatos, ou seja, quem é a escritora Clarice Lispector, e como se constituem as suas obras. Desse modo, para o sujeito discursivo, a atriz Beth Goulart apareceu mais do que a pessoa de Lispector dedicada às letras.

A posição-sujeito construída nesse texto é a que mais se diferencia em relação aos textos I e II, uma vez que o discurso crítico é fortemente marcado, ou seja, os

dizeres do enunciador se configuram numa crítica não valorizando, em todas as posições do sujeito discursivo constituídas no texto III. Logo, o não-dito evidencia que o discurso gera um sentido negativo da apresentação de Beth Goulart, que acumula mais de uma função, conforme a passagem: “não há pluralidade de vozes na construção do espetáculo – além de atuar no solo, Beth também o dirige e assina a dramaturgia – a partir de sua relação íntima e pessoal com a obra da escritora”.

Desse modo, considerando a constituição do sujeito no discurso, fica evidente que o olhar em torno da peça “Simplesmente eu” é afetada pela exterioridade do dizer do enunciador, ou seja, os sentidos são desvelados sob a ótica de um espectador na plateia, que não é um observador qualquer, mas se constitui um enunciador que assume uma função específica, de fazer parte da cobertura deste festival em Guaramiranga (contexto histórico), enfatizando por este enunciador, o que consiste na crítica teatral, uma característica principal dos textos da revista “Bacante”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o que consideramos leitura na perspectiva da AD, evidenciando o modo como lemos cada texto que constitui o *corpus*, evidenciamos a contribuição teórica que fundamenta esse modo de ler. Demonstramos o que é, realmente, interessante ao confrontar discursos sobre um mesmo acontecimento, trabalho sob óticas diferentes. O(s) sentido(s), na AD, são constituídos e promovem efeitos quando há o confronto, é na tensão que o(s) sentido(s) se constrói, fortalecem-se, ao romper, evidenciam novos modos de dizer, de pensar. O que significa para você ler, assim, esses textos?

Conclua, levantando o que poderá estar em aberto para o desenvolvimento de novas investigações sobre a relação “formação do leitor e o compromisso com essa formação”, por aqueles que se dedicam a essa área de trabalho.

Além disso, outros temas que consideramos de menos relevância se instauram na margem do discurso devido à heterogeneidade discursiva, por exemplo: “A arte é

vida”, e não apenas mimese da realidade; arte como saída para os dilemas da vida; arte escrita por mulher, arte de caráter universal; os discursos do universo intimista ligados ao entendimento do amor, e, ao existencialismo, entre outros.

Entendemos que os textos analisados são propícios para relacionarmos o processo discursivo entre eles, para tratar os discursos e as formações ideológicas, que fazem parte de uma cultura letrada. Nesse sentido, este trabalho vem reforçar a importância da análise de discurso (AD) nas relações sociodiscursivas, no contexto do trabalho com o texto, passando este a ser visto sob uma nova ótica, tratando sua atividade discursiva representada pelos aspectos social e histórico, cultural, ideológico etc.

Em busca de um trabalho preocupado com a formação de leitores, consideramos ser a prática da leitura uma questão crucial, que envolve a capacidade intelectual e de formação em prática de leitura do professor de línguas, a fim de que ele seja capacitado da melhor forma, e assim, possa transmitir esse conhecimento, o de formação de leitores, com o intuito de construirmos uma sociedade mais igualitária constituída de leitores assíduos, capazes de exercer a sua competência leitora em meio à diversidade de textos que circulam na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maurício. Simplesmente eu, Clarice Lispector. **Bacante**, São Paulo, set. 2010. Seção Críticas. Disponível em: <<http://www.bacante.com.br/critica/simplesmente-eu-clarice-lispector-2/>>. Acesso em: 22 ago. 2011.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.
- GADELHA, Paulo. No palco com Clarice. **Correio da Paraíba**, Paraíba, ano LVII, n. 067, 10 out 2010. Folha Opinião, p. A9.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros Jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidade leitoras. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes. (Org.). **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2010. p. 56-87.

NEVES, Lucas. No palco, Beth Goulart é Clarice Lispector, e suas personagens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u626136.shtml>>. Acesso em: 09 ago.2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.